

DESNARRATIVAS: OFICINA

Desnarrativas: taller

Desnarrativas: workshop

Ivânia Marques (BR)

Laboratório de Estudos Audiovisuais (OLHO)
da Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, São Paulo.
Museu de Arte Contemporânea de Americana, São Paulo.
marques.ivania@gmail.com

Resumo

Relato de uma oficina realizada com professores. Um encontro com diálogos, imagens e possibilidades de desconstrução em múltiplas direções. Possibilita pôr em debate estudos a favor das imagens. Imagens carregadas de clichês e que se arriscam a romper com o caráter documental/real da fotografia. Leva a pensar na não neutralidade de uma imagem e como o lugar é hegemonicamente imposto. Rompe com forças bloqueadoras em uma experimentação lúdica. A experimentação se prolonga em composições com fotografias, monotípias, diferentes maneiras de perceber o lugar, diálogos, trocas, poemas e arte.

Palavras-chave: lugar; geografias; fotografias.



Resumen

Informe de un taller realizado con los profesores. Un encuentro con los diálogos, fotos y posibilidades de la deconstrucción en múltiples direcciones. Permite a los estudios, ponen en debate en favor de las imágenes. Imágenes cargadas de clichés y corren el riesgo de romper con el documental / real carácter de la fotografía. Nos lleva a pensar que la no neutralidad de una imagen y cómo el lugar es impuesto hegemónico. Viajes con el bloqueo de las fuerzas en una experimentación lúdica. El juicio se extiende a las composiciones con fotografías, monotipos, las diferentes formas de percibir el lugar, diálogos, intercambios, poemas y obras de arte.

Palabras clave: lugar; geografías; fotografías.

Abstract

This is a report of a teacher workshop. It was an encounter among dialogues, pictures and possibilities of deconstruction in multiple directions. It enables studies inspiring debate in favor of images. Images are loaded with clichés and they risk breaking with the documentary/real character of photography. It leads us to think of the non-neutrality of an image and how the place is hegemonically imposed on us. It does away with blocking forces in a playful experimentation. The experimentation is extended into compositions with photographs, monotype printing, and different ways of perceiving space, dialogues, exchanges, poems and art.

Keywords: place; geographies; photographs.



INTRODUÇÃO

Poética da experimentação:

Um jogo tornando única a imagem e cruzando dois mundos no vazio que as separam. A imagem coexiste em monotípias feitas em papel vegetal e se prolongam em fabulações sobre no que antes eram apenas fotografias de viagens. A oficina desliza em desafios de geografias que mostram que há diferentes jeitos de se ver e sentir um lugar. Lugar este que se forma, modifica e guarda tensões. Resgata o lado brincante das fotografias propondo desnarrativas. Brinca com as imagens como Guimarães Rosa brinca com as palavras quando escreve "uma borboleta saiu do bolso de uma paisagem".

Um grupo disposto a compor desnarrativas aceitou o convite da poética da experimentação e dele surgiu um encontro, fabulante. Encontros de diálogos, imagens e possibilidades em múltiplas direções. Ministrar a oficina e participar da programação do colóquio possibilitou pôr em debate combates/estudos de minha pesquisa a favor das imagens. Imagens carregadas de clichês e que se arriscam a romper com o caráter documental/real da fotografia. Leva a pensar na não neutralidade de uma imagem e como o lugar é hegemonicamente imposto. Rompe com forças bloqueadoras numa experimentação lúdica. O convite se prolongava entre imagens, monotípias, o lugar inundado, diálogos, trocas, poemas e arte.

A OFICINA

Explorar. O clima chuvoso impossibilitou nosso trajeto pela orla de Vitória/ES. Choveu o suficiente para

encontrarmos novos percursos, rumos e contornos pela improvisação do novo lugar. Lugar rejeitado por todos que esperavam o local citado no programa. A primeira proposta era explorar a orla, desejo comum. Até o tempo colaborou para o desmonte do previsto. Surpresas efêmeras nos acolheram dentro da própria universidade, local do colóquio. Era um período de chuvas intensas em Vitória/ES um campo de possíveis.

É quando ocorre uma mutação subjetiva, redistribuem-se os afetos, redesenha-se a fronteira entre o desejável e o intolerável, abre-se um campo de possíveis. Caem por terra, para que essa abertura se dê, todos os clichês que antes nos impediam de enxergar – clichês que mediavam nossa relação com a realidade, ou conosco mesmos. (Pelpart, 2009, p.37).

Fomos forçados a explorar e encontrar possibilidades pelo velho/novo espaço. Um espaço adaptado e inesperado nos nutriu de impulsos. Um espaço a partir de uma geografia das relações de pluralidades de trajetórias (Massey, 2008) e que se configura na intensidade da vida ao buscar ser expresso em imagens (Oliveira Jr, 2013). Saímos em busca de novas maresias pela universidade.

Como lidar com imagens-pensamentos ou imagens-fronteiras? Como nos expressar? Misturamos a fotografia com a monotípia, movimentamos pensamentos espaciais e mergulhamos encharcados em devires. Buscamos imagens e ilhados percorríamos em busca de novas composições espaciais. Fotografar e criar. Previsto e imprevisito. A experimentação instigava outros sentidos



e olhares sobre diferentes perspectivas de conhecer-pensar os sentidos espaciais do lugar para alunos e professores.

Ao incorporar a monotipia à fotografia houve um estranhamento. Um desconforto. As monotipias são consideradas gravuras e se assemelham à fotografia como forma de manter a própria grafia de seus autores no desenho e no click de cada imagem. A fotografia, com sentidos deslizantes, se re-inventa em momentos. Resistências criadas pelas im-pressões e com/pelas pressões. As gravuras como forma de re-existir. Criações imagéticas e singulares. Uma única cópia: "mono", único, e "tipia", impressão.

A monotipia, pressão no papel sob a tinta, técnica simples de gravura, em que se espalha tinta em uma superfície lisa, vidro. Entintamos com a cor preferida. Escolhi o preto. Colocamos uma folha sobre a superfície com tinta, usei folhas de papel vegetal favorecendo a transparência. Entre desenhos, a gravura e a pintura, a monotipia é uma técnica de impressão rica em possibilidades.

Cada gesto expressivo, pressão e traço tornam a monotipia singular e única como a fotografia. Dificilmente encontraremos a mesma luminosidade e o mesmo instante, pois a luz muda a cada segundo. O avesso da monotipia lembra o negativo da imagem que se mistura, brincando com nossas grafias.

Propomos um desvelamento e impedimos de enxergamos com exatidão a imagem. A ideia de deixar a folha solta sobre a outra me fez lembrar a obra da Bienal de Arte de São Paulo (Figura 1) que se propõe a usar

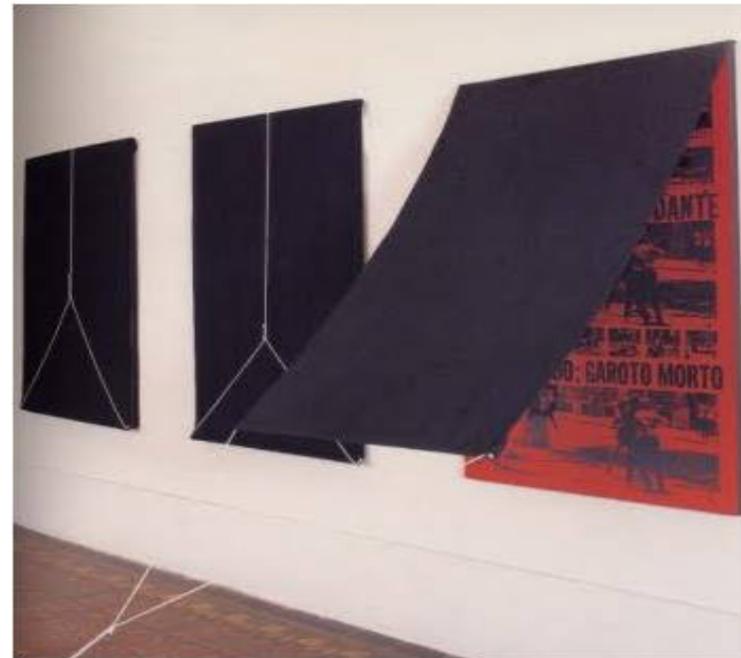


Figura 1: Obra da série "Repressão outra vez - eis o saldo". Serigrafia de Antonio Manuel, 1968. Acervo Pinacoteca do Estado de São Paulo.

a fotografia como resistências e a revelar o escondido suspendendo o pano negro que a cobria. As imagens estimulam o olhar, a percepção do espectador e as experimentações nos levam a fugir dos clichês, geram desconfiança e fascínio diante do desconhecido. Direito de escolhas. Essas experimentações nos levam a uma nova maneira de experimentar o espaço e uma viagem inspiradora para novas descobertas autorais – depuração da maneira de ver.



Ao sair de uma exposição a visita acaba? Acaba mesmo? Mas, quando somos sensibilizados, feridos, incomodados e estranhamos algo, não acabou. Continuamos conectados e somos marcados individualmente por nossas perturbações e sensações. E falamos sobre qual imagem nos habita?

Algumas imagens são escolhidas e censuradas. Outras, as imagens são cobertas e desviamos o olhar/pensamento confundindo o outro, o espectador. Preferimos não ver? Fugimos ou como uma cortina, encobrimos nossas ideias. A quem atingimos? Quem criou a imagem, o espectador, o leitor, o escritor, o desenhista, o artista ou aquele que a velou?

Na experimentação uma nova técnica, a monotipia, para inúmeras tentativas e descobertas. Desenho livre que se torna surpresa por ser impresso pelo avesso e se confronta com a mão tensa. "Quanto tempo não desenhava!" Era a fala comum. Imprevisível.. Geo-grafias ou pensamentos espaciais se desdobram. Criam fabulações. Grafias-fabulações que arrastam pensamentos para outras sensações.

A oficina se dividiu em três partes propostas pela organização do evento: imersão, produção e exposição.

Iniciamos mergulhando em poesias e pensamentos sobre uma fotografia desafiante, e aberta a possibilidades. Disponibilizar imagens escritas enriquecem a experimentação. Leituras envolvidas pelas palavras de Manoel de Barros em O fotógrafo; de Carlos Drummond de Andrade em Diante das fotos de Evandro Teixeira e Confidencia de Itabirano; de Cecília Meireles em Mapa da anatomia: o olho; de Mia

Couto em Fundo do Mar e trechos do livro de Fernando Pessoa.

Com essas palavras-imagens seguimos experimentando com uma das pistas adaptadas do educativo da 30 x Bienal/SP (2013) chamada de Câmera e Ação. Cada fotógrafo deve escolher uma câmera (pessoa), que ficará com os olhos fechados. Quando o fotógrafo vir algo que queira, "disparará" a foto. No momento do disparo, a pessoa abre os olhos e registra o que vê. Trocam de funções. Cada câmera deve descrever o que capturou como imagem. O registro pode ser em desenho, mímica, texto ou como quiser. Nós falamos uns aos outros a intenção do fotógrafo e a imagem capturada pela câmera. A experimentação desliza a ideia de verdade e do real colada nas fotografias documentais e vai propondo desnarrativas entre os participantes.

Poéticas fotográficas nos levam a experimentar o espaço e inspira novos olhares. Torna-se provocadora de novas descobertas, de percepções e maneiras diferenciadas de ver e sentir. Uma aposta política entre imagens, geografias e educação. Vazios, desenhos, colagens, transparência, recortes, entre os movimentos circulam forças, conhecimentos e trocas. Ação política que tenta romper com um único jeito. Durante a experimentação criamos possibilidades.

Confrontamos a intenção, a imagem registrada e os deslocamentos que uma imagem provoca.

Sáimos em busca de novas imagens em grupos que a experimentação aleatoriamente uniu. Acompanhados por seus equipamentos (câmeras fotográficas)



percorreram o espaço contaminado de observações da atividade anterior.

Que imagens serão capturadas em um mesmo espaço? Seriam as mesmas? Pausa para arquivo fotografia para o próximo dia. Intermezzo.

Novo momento inundado de imagens feitas pelos participantes. Começamos observando todas dispostas sobre a mesa. Tentamos ir além do que víamos. Encontrar os vazios. "Fazer buracos, introduzir vazios e espaços em branco, rarefazer a imagem, suprimir dela muitas coisas que foram acrescentadas para nos fazer crer que víamos tudo" (Deleuze, p.32, 2006).

Optei por imagens em preto e branco. Ampliações em papel sulfite tamanho A4. Cada um escolheu uma imagem sem preocupação em ser a sua ou não. Em seguida, escolhemos um novo enquadramento, recortando a imagem e colando em papel cartão no tamanho de 30 cm x 30 cm. O recorte da ampliação provocava um novo enquadramento. A colagem em papel maior permitia uma nova ideia, desviando da primeira. A todo o momento desmontávamos o já estabelecido, propondo novas miradas. Redesenhar. Redescobrir. Desencadear o invisível. Propondo desnarrativas.

Experimentação livre com a técnica da monotipia. Testamos vários desenhos antes de finalizar cada trabalho. Como a monotipia era feita no avesso houve adaptações das ideias e da execução final. Experimentada a técnica era necessário escolher o desenho final. Cada participante fez sua montagem com monotipia e fotografia. Inúmeras tentativas, re-fazer, repetir. Uma

repetição "que se abre para múltiplos acontecimentos espacializantes" (Oliveira Jr., 2013, p.17).

Durante a oficina vivenciamos formas de deslocar, desviar e desapropriar de narrativas já dadas de um lugar, criando todo tempo desnarrativas e impedindo manter apenas uma. Exercitando o fazer e proliferando pensamentos espaciais, sentidos fundamentais dessa oficina.

Ao pensar criamos. Com arte tensionamos nossas diferenças e buscamos singularidades de pensamentos acerca do lugar em que estamos inseridos com arte. A oficina provocou uma mistura do já existente com novas conexões. As fotografias, os recortes e as monotipias arrastaram novos sentidos. Re-inventando. Re-existindo. Re-existências. Resiste com e em desdobramentos do que foi vivido.

A monotipia feita no papel vegetal nos invade de provocações. Pela singularidade de cada obra, das escolhas de imagens e desenhos, multiplicidade de imagens e pelas variedades apresentadas emprestamos dizer que as imagens se expressam ao acontecer. Arrasta as ideias e perturba a imagem. Rasura criando outros possíveis como diria Oliveira Junior (2013):

(...) para forçar as obras em imagens a escaparem dos hábitos já estabelecidos de pensar o espaço – como extensivo, fechado, estático e estruturado, dos lugares culturais já definidos – de informação documental ou ilustração comprobatória – onde as imagens são localizadas em alguma atividade educativa. (Oliveira Jr., 2013, p.24)

Possíveis com pensamentos sendo máquinas de guerra, de criação. Criação de possíveis. Possíveis como



novas forças. Com aberturas de pensamentos. Impulsionando o impensado. Há uma contaminação, aparecem dobras e criações. Um enredo sem fim. Criar em uma imensa rede de forças, intenso. Criar é a nossa relação com o espaço. Disparador de fabulações que se faz existir. Essas obras podem provocar sensações, ou não, em seus espectadores. Construímos um coletivo-varal. Arquipélagos dependurados.

Penduramos nossas frágeis desnarrativas a procura de outras prováveis. Um passeio pelas diferenças. Na Figura II, Figura III e Figura IV podemos observar algumas das produções. Uma multiplicidade de ideia penduradas no varal. Um varal intervindo no espaço. O movimento continuou diante dos outros. As obras penduradas criaram outras conexões entre elas. O cordão



Figura 2: Desnarrativas01 – Acervo pessoal



Figura 3: Desnarrativas02 – Acervo pessoal.

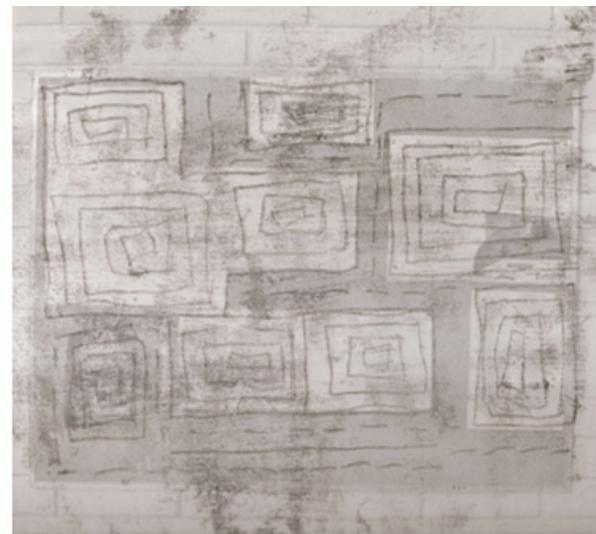


Figura 4: Desnarrativas03 – Acervo pessoal



de imagens penduradas lado a lado provocou outras miradas (de quem as produziu e as dos espectadores). As imagens ganhavam mais e mais potências. Novas composições. Geografias menores provocam rizomas, novos sentidos im-possíveis diante do já estabelecido. Fugindo da uniformidade e criando pluralidade. Criamos com/nas imagens sendo força de devires de pensamentos espaciais.

A exposição permaneceu durante o dia e foi desmontada no final com a retirada das obras pelos artistas com “vontade de arte”. Uma vontade capaz de criar experiências fora da mesmice, dilatando o sensível para outras obras. Enquanto experimentávamos nossos pensamentos e questões em deriva se conectavam variando do banal ao singular. Composição de um lugar, de um fazer e in-ventar – educação, ciência e arte.

FINALIZAÇÃO EM ABERTO

Diferenças, uma fartura de diferenças. Cada qual com sua intensidade e movimento. Cada qual com sua criatividade. Cada qual com seu jeito e forma de viver. Vida com arte. Vida como obra de arte. Cruzamentos que se diferem como armas de resistência. Um passeio pelas diferenças em busca de luz, do Sol que se escondeu durante nosso percurso. De um Sol possível mesmo entre nuvens. De um fora possível e de uma força afirmativa. Uma força de uma verdadeira Máquina de Guerra pelos campos de possíveis. Uma máquina que não busca explicações, mas intensifica a criação de pensamentos. Apropria de imagens e vão além.

A oficina se apresenta não como um modelo, único. Fica o convite de buscarmos sempre conexões que proliferem devires de pensamentos. Criação de possíveis e em constantes linhas em devir.



REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Ensaio fotográfico**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. Caminho, Lisboa, 1999, p.49.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DRUMMOND de Andrade, Carlos. **Poesia completa**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001, p. 181. Disponível em: <<http://www.evandroteixeira.com.br/depoimentos/diante-das-fotos-de-evandro-teixeira/>>. Acesso em: 20 de maio de 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2008.

MEIRELES, Cecília. **O Estudante Empírico**. São Paulo: Nova Fronteira, 1954-1964.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. ; FERRAZ, C.B.O. ; GIRARDI, G. **Percursos na diferença: um ano e quarenta e cinco pessoas**. In: Cláudio Benito Ferraz; Flaviana Gasparotti Nunes. (Org.). *Imagens, Geografias e Educação - intenções, dispersões e articulações*. 1ed.Dourados: Editora da UFGD, 2013, v. 1, p. 13-40.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego por Bernardo Soares**. Vol.II.

PELPART, Peter Pál. **O Tempo Não-Reconciliado**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

30 × Bienal. **Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição**. FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO, 2013. Disponível em: <<http://www.30xbienal.org.br/single/159>>. Acesso: 01 de maio de 2014.

